

DOS LIVROS E DOS SEUS NOMES BIBLIOTECAS LITÚRGICAS MEDIEVAIS¹

Isaías da Rosa Pereira
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

1. INTRODUÇÃO

Publicámos há cerca de dez anos um catálogo de manuscritos de direito canónico existentes em Portugal, estudo que se encontra presentemente ultrapassado mas que será refundido oportunamente.² Anos depois publicámos um trabalho intitulado *Livros de Direito na Idade Média* no qual se inventariaram, a partir de testamentos, livros de aniversários e outros documentos, algumas bibliotecas jurídicas medievais de cujo paradeiro, infelizmente, não é possível dar conta.³

Nos estudos referidos interessaram-nos quase exclusivamente livros de direito, a fim de identificarmos obras e autores e assim se poder ter uma panorâmica dos interesses intelectuais dos nossos juristas medievos.

Agora pretendemos apresentar algumas colecções de livros litúrgicos encontrados em visitas paroquiais, tombos de bens das igrejas, inventários diversos, etc., e dar para cada espécie que o merecer um breve comentário. Mas não deixamos de referir os livros de outra natureza que ocasionalmente se encontram nos documentos estudados.

Pensamos dar assim um contributo válido aos investigadores a quem se deparam estes documentos. Na verdade, é bastante difícil entender de que livros se trata e qual o seu conteúdo exacto. E nem sempre é possível garantir a natureza dos

¹ N.R. Este artículo fue publicado en la revista "Arquivo de Bibliografia Portuguesa", ano XVI, nºs 63-70 (1971-1973, janeiro-dezembro) Atlantida, Coimbra 1974, pp. 97-131. Le acompañaba un apéndice documental (pp. 132-167) que será editado en "SIGNO" 4 (1997).

² *Manuscritos de Direito Canónico existentes em Portugal*, «Arquivo Histórico da Madeira» t. XI (1959) p. 196-242.

³ *Livros de Direito na Idade Média*, «Lusitania Sacra», t. VII (1964/66) pp. 7-60; t. VIII (1970) pp. 81-96.

livros referidos num inventário porque o seu autor atribui, por vezes, aos volumes que lhe indicam, nomes que não correspondem ao seu verdadeiro conteúdo.

As listas de livros que apresentamos são a título meramente exemplificativo. Poder-se-iam multiplicar por muitas centenas. E nem todas são inéditas, pois não é nosso objectivo publicar documentos inéditos, mas somente identificar os livros. Examinámos, no entanto, todos os originais mesmo os já publicados.

Em primeiro lugar apresentamos os documentos analisados, depois fazemos por ordem alfabética um comentário das espécies bibliográficas mais significativas ou cuja identificação é menos óbvia, finalmente transcrevemos os rois de livros, em número de dezasseis, e damos uma pequena bibliografia da especialidade.

2. DOCUMENTOS ANALISADOS

I) ROL DE LIVROS DE SÃO VICENTE DE FORA DE LISBOA DO SÉCULO XIII.

Biblioteca Pública Municipal do Porto (Código 707, fl. 92). Publicado por Doutor Francisco da Gama Caeiro,⁴ pelo Doutor Artur Moreira de Sá⁵ e por nós no t. VIII da revista «Lusitania Sacra» (1970).

II) INVENTÁRIO FEITO POR MORTE DO MESTRE DE AVIS D. MARTIM DE AVELAR EM 1362.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo - Ordem de Avis (C. 25, E. 100, P. 3-5, n.º 595). Publicado por Pedro A. de Azevedo em «O Archeologo Português».⁶

III)--INVENTÁRIO DE SÃO CLEMENTE DAS PENHAS DOS SÉCULOS XIV E XV.

Arquivo Distrital do Porto - Secção Monástica (S. 21-22.º-3). Publicado por A. de Magalhães Bastos.⁷

IV) VISITAÇÕES DE SANTIAGO DE ÓBIDOS DE 1454, 1462, 1467, 1473.

Arquivo da Cúria Patriarcal de Lisboa (Cofre). Publicados por nós na revista «Lusitania Sacra», t. VIII (1970).

⁴ *Santo António de Lisboa - Introdução ao Estudo da Obra Antoniana*, vol. I, Lisboa 1967, pp. 31-34.

⁵ *Primórdios da Cultura Portuguesa - II*, «Arquivos de História da Cultura Portuguesa», vol. II, n.º 1, Lisboa 1968, pp. 67-68.

⁶ *Um inventário do século XIV*, «O Archeologo Português», t. VII (1902) pp. 223-234; 259-265; 305-308.

⁷ *Memórias soltas e inventários do oratório de S. Clemente das Penhas e do Mosteiro de N. S.ª da Conceição de Matozinhos, dos séculos XIV e XV*, Porto 1940.

V) TOMBO DOS BENS DA IGREJA DE SANTA MARIA DE ÓBIDOS DE 1467.

Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa.

VI) TOMBO DOS BENS DA IGREJA DE SÃO JOÃO DO MOCHARRO DE ÓBIDOS DO SÉCULO XV/XVI.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo - Colegiada de S. João do Mocharro de Óbidos (C. 25, E. 14, P. 3, cx. 55, Livro n.º 1).

VII) TOMBO DOS BENS DA IGREJA DE SANTA IRIA DE SANTARÉM DE 1482.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (C. 25, E. 20, P. 3-4, cx. 2 (71-72) maço 1, n.º 5).

VIII) VISITAÇÃO DA IGREJA DE AREIAS DE 1489.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo - Documentos do Convento de Cristo, maço, 13, n.º 1236. Publicado por António Baião no «Archeologo Português», t. XIV (1909) p. 169.

IX) TOMBO DE BENS DA COLEGIADA DE SANTO ESTEVÃO DO SANTÍSSIMO MILAGRE DE SANTARÉM DO SÉCULO XVI.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo - Colegiada de Santo Estevão do Santíssimo Milagre de Santarém (C. 25, E. 20, P. 3-4, cx. 2, maço 3, n.º 137).

X) VISITAÇÕES DE PALMELA DE 1510 E 1534.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo - Ordem de Santiago (C. 25, B-50, n.º 150).

XI) VISITAÇÃO DA VILA DE FERREIRA DE 1510.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo - Ordem de Santiago (C. 25, B-50, n.º 149).

XII) VISITAÇÕES DE ALVALADE, CASÉVEL, ALJUSTREL, SETÚBAL, DE 1510 E SEGUINTE.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo - Ordem de Avis (C. 25, B-50, n.º 145). Publicadas pela Fundação Calouste Gulbenkian.⁸

XIII) VISITAÇÃO DA VILA DE ALCOCHETE DE 1512.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo - Ordem de Santiago (C. 25, B-50, n.º

⁸ *Documentos para a história da arte em Portugal -7- Arquivo Nacional da Torre do Tombo - Visitações de Alvalade, Casével, Aljustrel e Setúbal* (Ordem de São Tiago) Lisboa 1969.

157).

XIV) VISITAÇÕES DE ALCOCHETE, SABONHA E ALDEIAGA LEGA DE 1512.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo - Ordem de Santiago (C. 25, B-50, n.º

155).

XV) VISITAÇÃO DAS IGREJAS DE ALMADA EM 1527.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo - Ordem de Santiago (C. 25, B-50, n.º

177).

XVI) TOMBO DE BENS DA IGREJA DE SANTIAGO DE TORRES NOVAS DE CERCA DE 1538.

Arquivo da Cúria Patriarcal de Lisboa (Caixa 9, n.º 3).

3. NOMES DOS LIVROS

ALBERTO DE PÁDUA

«Postila de Alberto de Pádua de forma em papel sobre todos os Evangelhos dominicais do ano todo».

Alberto de Pádua, teólogo e pregador agostinho em cuja Ordem entrou em 1283, ficou famoso pela sua eloquência. A obra aqui mencionada tem o título de *Expositio Evangeliorum dominicalium et festorum*. Há uma edição de Paris de 1550, mas este exemplar, atendendo à data do inventário, seria um incunábulo.

ANTIFONÁRIO

Antiphonarius, Antiphonale, Antiphonale Missarum, Antiphonarius Liber, designa o livro que continha as partes cantadas pela *Schola cantorum*, tanto na missa como no ofício coral. Estas partes de canto, em Roma, formavam dois livros diferentes: *Cantatorium, Graduale* ou *Responsoriale* (livro do solista) e *Antiphonarium* (livro do coro). Nas Gálias, eram reunidos num só livro.⁹

As partes cantadas da missa são: introito com o salmo correspondente, gradual e responso (*Responsum*), o tracto (*Tractum*), aleluia e o versículo aleluiático, ofertório e a antífona da comunhão com o salmo.¹⁰

No Museu de Arouca existem vários antifonários que pudemos examinar detidamente. Todos estes livros de Arouca, bem como outros que adiante mencionamos, são duma extraordinária importancia e bem mereciam ser estudados por um especalis-

⁹ *Enciclopédia Verbo*, s. v. Antifonário.

¹⁰ C. VOGEL, *Introduction aux sources de l'histoire du culte chrétien au Moyen Age*, Spoleto 1966, p. 328; D. Cabrol, *Les livres de la liturgie latine*, Paris 1930; Maurice PROU, *Manuel de Paléographie latine et française*, Paris 1892.

ta.¹¹ Referimos os seguintes antifonários:

- Antifonário do coro de 1746, magnificamente iluminado. Tem no primeiro fólio a seguinte informação: *Este livro se fez por ordem da preclarissima e religiosissima Senhora D. Ana Mascarenhas de Albuquerque sendo abadessa do real mosteiro de Arouca; e se acabou sendo segunda vez abadessa do mesmo mosteiro a ilustrissima e exemplarissima Senhora a Senhora D. Bernarda Pimentel, cantora mor a excelsa e sempre illustre Senhora D. Melcia Amelia de Miranda e feitor o muito illustre e reverendissimo padre o Senhor Fr. Filipe Castelbranco. Ano 1746.* (Modernizámos a ortografia).

- Antifonário, himnário, colectário, com 214 fls., que não sabemos datar.

- Antifonário do século XV, contendo também algumas colectas e capitulas.

É santoral e contém as festas do Corpo de Deus, Santa Margarida, S. Domingos, Conceição de N. Senhora, S. Francisco, Onze Mil Virgens, S. Brás, S. Pedro Mártir, Santiago, Santa Ana, Santa Maria Madalena, Santa Catarina, S. Nicolau, S. Vicente Mártir, S. Cristóvão, Ofício da Coroa do Senhor, S. Bartolomeu, S. Malaquias. No fl. 218v encontrava-se o nome do escriba e a data: *Esta obra mando fazer el virtuoso rreligioso frey Antonio de Sant Pedro de Spuna de los rreynos de Castilla de la ordem del Çistel por su anima e escrivi lo yo Affonso Martinez canonigo de Lamego e fue acabado postremo de mayo de IIII. LXXX. VIIIº.*

No arquivo Nacional da Torre do Tombo encontram-se um antifonário proveniente de Lorvão, de tradição cisterciense, datado de 1451,¹² e outro do século XIII, com capitais lindamente iluminados, mas incompleto (Casa Forte, n.º 15). Ainda na Torre do Tombo existem dois outros antifonários: o chamado *Livro de Requiem* do século XVI (C. 25, E. 68, P. 5, n.º 31), que é um antifonário da missa, e o chamado livro de *Resposos de cantochão* ou *Santoral do Lorvão* (Casa Forte, n.º 19), que é um antifonário do ofício coral para as festas dos santos. O chamado *Livro primeiro das missas* do Lorvão (C. 25, E. 67, P. 5, n.º 19) é na realidade um antifonário da missa, está lindamente iluminado e parece ser do século XVI.

O códice alcobacense da Biblioteca Nacional de Lisboa, n.º 7, é também um antifonário da missa do século XIV.

Na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra existe um antifonário impresso, do século XVI.

Em Portugal nenhum destes livros mereceu especial estudo, tendo sido praticamente esquecidos.

O antifonário moçárabe da catedral de Leão foi editado pelos beneditinos de Silos.¹³

¹¹ Solange CORBIN, *Essai sur la musique religieuse portugaise au moyen âge*, Paris 1952, p. 165.

¹² Solange CORBIN, *op. cit.*, p. 186.

¹³ *Antiphonarium mozarabicum de la catedral de León*, ed. por los PP. Benedictinos de Silos, León 1928.

BALDEIRAS, SACRAMENTAL, *em forma feito de papel em lingua castilhana, mui proveitosa leitura pero os confessores; deu-ho aqui Frei João da Póvoa seendo provincial anno Domini 1484.*

Este precioso incunábulo em língua castelhana era o SACRAMENTAL escrito no princípio do século XV por Clemente Sánchez de Vercial (ou Verdial), bacharel em leis, arcediogo de Valdeyras, no reino de Leão.

Há uma tradução anónima portuguesa de que se conhecem duas edições, uma de 1502 e outra de 1539.

O exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa (Res. 149v.), da edição de 1502, tem a seguinte descrição: No rosto uma gravura representando dois anjos a adorar uma custódia e por baixo o título SACRAMENTAL. Este título deve ler-se SACRAMENTAL e não SACRAMENTALS, como se tem transcrito. O pretenso S não é mais do que um enfeite do desenhador, à semelhança dos escribas medievais que preenchiam um pequeno espaço branco no fim da linha com um traço ou outro sinal sem significado paleográfico. Não tem numeração dos fólhos, mas o livro tem presentemente 6 fls. com o índice e 173 fls. de texto.

O início do texto dá razão do título e do autor:

Este livro he chamado sacramental o qual copilou e tirou das sagradas scripturas Crimente Sanchez de Verçhial bacharel em leys. Archediago de Valdeyras en a ygreja de Lyon pera que todo fiel christãao seja emsinado en a fee e en o que compre a sua salvaçam.

O autor apresenta uma curiosa lista das obras de que se serviu, e que merece citar-se:

- Bíblia.
- Mestre das Sentenças, isto é, o livro de Pedro Lombardo *Sententiarum Libri IV.*
- Corpus Iuris Canonici.
- Etimologias de Santo Isidoro de Sevilha.
- Texto de leis, que supomos ser o Corpus Iuris Civilis.
- Historia Scolastica, de Petrus Comestor.
- Vários Padres da Igreja: Papias, Santo Inácio de Antioquia, S. Jerónimo, S.

Gregório Magno.

- S. Tomás de Aquino.
- Nicolau de Lira, certamente nas glosas à Sagrada Escritura.
- Alexandre de Hales, teólogo do século XIII.
- Arcediogo sobre o Decreto e Sexto, isto é, os comentários ao Decreto de Graciano e ao Livro Sexto das Decretais da autoria de Guido de Bayso, arcediogo de Bolonha († 1313).
- Inocêncio IV, o canonista Sinibaldo dei Fieschi, no comentário célebre às Decretais de Gregório IX.
- Bernardo, que supomos ser o canonista Bernardo de Pavia do século XII.
- Tancredo, outro canonista famoso do século XII.
- Gofredo, isto é, Godofredo de Trano, canonista do século XIII.

- Hostiense, isto é, o canonista do século XIII Henrique de Susa que escreveu uma SUMMA sobre as Decretais de Gregório IX, chamada *Summa aurea* ou *copiosa*; o autor é conhecido por Cardeal Hostiense e os contemporâneos chamaram-lhe *iuris utriusque monarcha*.

- Henrique, que supomos ser Henrique Bouic, canonista francês do século XIV, cujas obras tiveram enorme audiência mesmo entre nós.

- Guilherme de Montlaurun, outro canonista francês do século XIV.

- Guilherme no Racional, isto é, o *Rationale divinatorum officiorum* (obra de liturgia) do canonista francês Guilherne Durand († 1296).

- Suma Bartolina, de Bartolomeu de S. Concórdio referenciada neste estudo.

- João Balderino, canonista bolonhês do século XIV.

- Bártolo de Saxoferrato, doutor de Bolonha, célebre jurista do século XIV iniciador de um novo método de comentário ao direito romano, cujos adeptos foram chamados os *bartolistas*.

- Cino de Pistoia, jurista também do século XIV, introdutor na Itália do método escolástico de comentário ao direito romano.

- João na *Summa Confessorum*; supomos ser os comentários ou glosas da *Summa confessorum* de S. Raimundo de Penaforte feitas por João Teutónico.

- Leis repetidas dos foros de Castela.

Como se vê, Clemente Sánchez de Verdial manejava uma literatura impressionante.

O autor explica que o Sacramental «foi começado na cidade de Cigonga = [Sigüenza] a II dias do mes dagosto ano do senhor de mil CCCC e XXI ano. E acabou no ano de XXIII em fim de março em a nobre cidade de Leon».

O cólofon dá a seguinte indicação: *Esta presente obra foy empremda na muy noble cydade de Lysboa per Joham Pedro de Cremona aos XXVIII de setembro anno M.CCCCC. e II. Deo gratias.*

A outra edição existente na Biblioteca Nacional de Lisboa (Res. 154 A) está sem rosto, e falta a última folha.

Na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra existe um exemplar completo desta 2.^a edição: *Sacramental em lingoagem portugues novamente impresso e emendado ...*, Braga, Pedro de la Rocha, Joham Beltrâmer e Pero Gonçalves, 1539 (R-31-22).

BALDOAIRO, em papel, começa «Omnis bonus disci».

Segundo Viterbo,¹⁴ seria um livro de ladainhas, citando um documento de Lamego de 1455, e também supõe que possa ter o nome de caritenho (= manual portátil).

O livro, no entanto, pelo *incipit* anunciado, parece ser antes uma colecção de sermões, ou então uma obra de moral. No inventário em que se relaciona este livro

¹⁴ *Elucidário*, s. v. Baldoairo.

há outros sermonários.

BARTOLINA

«Suplemento ou Bartolina com tavoas em gram volume de forma que deu aqui o sobredito provincial» (Fr. João da Póvoa).

Outro incunábulo que era uma suma de casos de consciência do dominicano Bartolomeu de São Concórdio, de Pisa, que foi impressa com o título de *Summa Bartholina seu Summa de casibus conscientiae*.

Na Biblioteca Nacional de Lisboa existem dois exemplares desta obra, em espanhol (Incunábulos 1200 e 1201). Parece que a edição é de Zamora de cerca de 1482.

BAUTISTEIRO

«Bautisteiro do costume de Évora - Bautisteiro com o ofício da Unção».

Trata-se de livro que continha o ritual do baptismo. Um deles era do costume de Évora, isto é, continha a liturgia própria daquela diocese. Por ocasião do Concílio de Trento, as dioceses de Braga e Évora tinham ainda os seus costumes litúrgicos próprios, mas só a primeira os manteve depois. As constituições sinodais de Évora de 1565 ainda insistem pela observância dos seus usos particulares no breviário e no missal.

Existe um exemplar impresso do ritual do baptismo do costume de Évora: *Baptisterium seu Manuale Elborense noviter emendatum* (Sevilha, 1528).

Há um missal completo do costume de Évora, impresso em Lisboa em 1509: *Missale secundum consuetudinem Elborensis ecclesie noviter impressum*.

Do breviário de Évora existe uma edição de Sevilha de 1528: *Breviarium secundum consuetudinem sancte Elborensis ecclesie*.¹⁵

Um destes *bautisteiros* continha ainda o ritual da unção dos doentes.

BIBLIA

«Brivia em dois volumes».

Uma Bíblia em dois volumes. Como não existiam, a princípio, leccionários, isto é, livros com perícopas da Sagrada Escritura por extenso para cada festa, serviam-se da Bíblia, tanto no coro como na missa. A Bíblia na sua função de livro litúrgico tinha o nome de *Bibliotheca*, e podia apresentar-se em um ou mais volumes. Num catálogo francês de livros, do século IX, aparece este item: *Bibliothecam optimam continentem Vetus et Novum Testamentum*.¹⁶

No Arquivo Nacional da Torre do Tombo guarda-se uma preciosa Bíblia do século XII (E. 3, P. 7, n. 138).

¹⁵ Miguel de OLIVEIRA, *Livros Litúrgicos de Évora*, «Lusitania Sacra», t. VI (1962/63) pp. 263-274.

¹⁶ C. VOGEL, *op. cit.*, p. 282, nota 124

BREVIARIO

«Breviário todo místico e de ponto».

Um breviário completo e misto (= místico), que continha, portanto, a parte de leitura e de canto, por isso se diz que era de ponto (tinha notação musical).

Não é fácil, por vezes, descobrir o significado exacto da palavra *místico* nos documentos medievais. Normalmente entende-se por *misto*. Assim uma *vinha mística*, quer dizer com cepas de mais do que uma espécie, como temos encontrado em alguns tombos de bens. No referente a propriedades, também pode significar duas propriedades confinantes.

O breviário é o livro litúrgico que contém todas as partes do ofício coral (= as horas canónicas cantadas no coro). Não existem breviários anteriores ao século XIII, porque as várias partes do ofício se continham em livros separados: saltério (que os monges e clérigos sabiam de cor), antifonário, leccionário, etc. Um breviário medieval é sempre acompanhado por um calendário, o que permite determinar a região para onde foi escrito, a partir das festas dos santos peculiares a uma diocese, da comemoração da dedicação das igrejas, etc.¹⁷

No Arquivo Nacional da Torre do Tombo existe um breviário monástico que parece do século XIII, com este curioso *incipit*: *Incipit ordo breviarii secundum consuetudinem religionis beati Petri confessoris* (E. 3, P. 7, n.º 117).

Já nos referimos ao breviário impresso de Évora do início do século XVI e seria fácil referenciar muitos destes livros nas nossas bibliotecas e arquivos.

CADERNO DO OFICIO DO UNGIR - CADERNO DE UNGIMENTO

Estes livros continham o ritual da unção dos doentes.

CADERNO DE PROCISSÕES

Continha cânticos para as diversas procissões litúrgicas e devia ser de ponto, isto é, com a notação musical.

No Arquivo Nacional da Torre do Tombo há um processional do Lorvão datado de 1504 (Casa Forte n.º 2), destinado às festas da Assunção de N. Senhora, Domingo de Ramos, Ascensão, Mandato (5.ª feira Santa), Purificação de N. Senhora, Anunciação, Natividade, Conceição de N. Senhora, Corpo de Deus.

Na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra existe um processional manuscrito que pertenceu à Sé de Coimbra e um *Processionale Cisterciense* impresso em Lisboa em 1757.¹⁸

CADERNO DO OFICIO DE CORPUS CHRISTI

Este livro continha o ofício da festa de Corpo de Deus, instituída por Urbano IV (Bula *Transiturus*, de 1264). Em 1311, Clemente V, e em 1317, João XXII, reno-

¹⁷ Maurice PROU, *op. cit.*, p. 192.

¹⁸ Solange CORBIN, *op. cit.*, p. 179.

vam a proclamação de Urbano IV, e a partir de então a festa foi aceite quase unanimemente.

Deve notar-se que o ofício romano atribuído a S. Tomás de Aquino, provavelmente não é da sua autoria.¹⁹

Em Portugal a festa foi aceite muito cedo e celebrava-se com grande esplendor.

CADERNO DE SANTA MARIA E SANTA ISABEL E DE SANTIAGO E SÃO BARTOLOMEU

Neste livro estavam os ofícios de Nossa Senhora, de Santa Isabel de Portugal, de Santiago e de São Bartolomeu. Não é possível dizer se se tratava da missa e do ofício, mas é mais provável que fosse apenas o texto da missa.

CADERNO COM O OFÍCIO DOS MORTOS, COM A MISSA DE REQUIEM E NELE SE PONHA O OFÍCIO DE SEXTA FEIRA DE ENDOENÇAS APONTADO

Aqui está um livrinho curioso que nos revela uma mentalidade (algo deformada) dos clérigos desta época. Num livro com os ofícios e missa pelos defuntos manda-se escrever o ofício litúrgico de Sexta Feira Santa, como se este fosse também um ofício fúnebre!

O ofício de Sexta Feira Santa devia ter a notação musical.

CADERNO DO OFÍCIO DE SANTIAGO

Livrinho com o ofício do apóstolo Santiago, padroeiro da igreja a que pertence o inventário.

CADERNO DE SÃO BRÁS

Continha este livro o ofício da festa de São Brás, santo muito da devoção popular e advogado das doenças da garganta.

CADERNO DE PAPEL QUE CONTEM EM SI AS PREGUNTAS DAS CONFISSÕES, COMEÇASSE «ESTA TAVOA»

Era um pequeno manual de confesores. Foram tantos e tão variados os opúsculos desta matéria, com o fim de ajudar o clero pouco culto a exercer o ministério de confessor, que é impossível identificar a obra. O *incipit* anunciado não traz grande ajuda para a identificação.

No fim do século XVI imprimiu-se um livrinho deste género sob o patrocínio do bispo de Coimbra D. João Soares: *Interrogatório brevissimo pera todos confesores preguntarem aos penitentes. Feyto por authoridade do reverendissimo e illustre senhor*

¹⁹ L. M. J. DELAISSÉ, *À la recherche des origines de l'office du Corpus Christi dans les manuscrits liturgiques*, «Scriptorium», t. 4 (1950) p. 220-239.

dom Joam Soarez Bispo de Coimbra, Evora, 1537 (Biblioteca Pública de Evora, Res. 284).

CAPITULEIRO

Os capitulários são livros litúrgicos muito antigos. Precederam os *evangeliários*, *epistolários* e *leccionários*. Continham um índice com a simples indicação dos *capitula* ou perícopas que se deviam ler em cada missa. Os livros das *períopas* ou *capitulária* são organizados deste modo: 1- data do dia e do mês segundo o sistema actual, 2- indicação do dia litúrgico com a igreja estacional, 3- indicação do livro bíblico a ler, 4- *Incipit* e *explicit* da perícopa, ligados por *usque*. Exemplo: *Die X mensis Maii. Natale sci. Gordiani. Scd. (= secundum) Matth. cap. XCV (= X, 34-42). Nolite arbitrari quia veni pacem USQUE Amen dico vobis non perdet mercedem suam.*

Encontram-se referências destas: *Incipit capitulare lectionum evangeliorum de circulo anni*. A palavra *capitulare* designa, portanto, os *capitula* ou as perícopas a ler.

Mais tarde aparecem livros com as perícopas por extenso, mas tem o nome de *Comes*. São raros antes do ano mil, porque é um luxo dispendioso.

Para designar as várias colecções de textos destinados aos ofícios divinos, encontram-se nos documentos romanos os nomes seguintes:

EPISTOLÁRIO: chamado *Apostolus*, *Comes*, *Liber comitis*, *Epistolare*, *Epistolium*, *Collectarium*, *Liber seu Ordo epistolarum*, *Lectonarius*. Note-se que *Lectonarius* designa o leccionário da missa ou do ofício coral.

EVANGELIARIO: *Evangelium excerptum* (século X), *Evangeliare*, *Evangelistale*, *Liber seu Libellus seu Ordo evangeliorum*.

LECCIONÁRIO DA MISSA COMPLETO: *Comes* (século IX) (= *Liber comicus* na língua litúrgica visigótica), *Epistolare cum Evangeliiis*, *Lectonarius*, *Liber comitis*, *Liber lectionum*.²⁰

CARITANHO

«Caritanho de bautizar - Caritanho de capitular».

Caritanho parece ser um adjectivo e significa de pequeno formato.

Um caritanho, sem mais, é um livro de pequeno formato.

Um *caritanho de bautizar* era um volumezinho que continha o ritual do baptismo.

Um *caritanho de capitular* era um livrinho destinado ao celebrante que preside ao ofício divino. Era simplesmente um *colectário* ou *oraçoeiro*, com as colectas e *capitula*. Costumava-se dizer que quem presidia ao ofício divino *capitulava* porque cantava a *capitula*.

A informação de Viterbo e de António de Moraes e Silva (*Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 10.^a ed.) acerca deste vocábulo não é perfeitamente exacta.

²⁰ C. VOGEL, *op. cit.*, p. 282-286.

COLECTÁRIO - COLLECTANEUM

«Colectaneo de pergaminho - Colectanho - Coleitaneo pequeno em pergaminho velho (no mesmo rol vem um *oraçoeiro* em pergaminho), Colectaneo escrito em pergaminho de letra de mão (no mesmo rol vem um *oraçoeiro* em pergaminho de letra de mão).

O *colectário* é o livro do celebrante que preside a recitação do ofício coral e contém as colectas (= orações) e os *capitula* (pequenas lições da Sagrada Escritura), fornecendo-lhe os textos que devia rezar ou cantar. Os mais antigos colectários não contem senão colectas.

Nos países francos chamavam-se estes livros: *collectarium*, *liber collectarius*, *collectaneum*. Na Itália aparece o nome de *Orationale*, que no norte da península hispânica se traduziu por *oraçoeiro*, em Portugal, e *oracionario*, na Galiza.

Por vezes aparecem nos oraçoeiros partes do ritual, por exemplo um *orationale de benedicenda aqua* (com o rito da benção da água).

Antes do aparecimento do *colectário*, o celebrante servia-se do *sacramentário* (livro do que preside à celebração da Eucaristia). Quando se perdeu a noção do que era um sacramentário, e isto ainda na Idade Média, chamou-se-lhe *colectário* ou missal *colectário*.

Secundariamente chamou-se também *colectário* a uma colecção de sermões.

Um *colectário* distingue-se do breviário e do ritual pois estes livros, além das colectas e *capitula*, contém todas as outras partes do ofício divino.

O breviário nem sempre contém o saltério porque na Idade Média recitava-se de cor, e o diurnal não contém lições (que pertencem ao ofício noturno).

A partir do século X, o manuscrito do *colectário* contem, no início um calendário, e a partir do século XIII a entoação das antífonas que pertencem ao celebrante.²¹

Du Cange (sub v. *Collectaneum*) refere vários documentos em que se fala de *colectário*, de onde extraímos um exemplo característico: *In privatis autem noctibus habentur in collectaneo hae collectae quae dicendae sunt ad Nocturnos et Laudes*.

O códice alcobacense 166 da Biblioteca Nacional de Lisboa é um *colectário monástico* do século XII; começa com um calendário e tem no fim o ritual da unção dos doentes e dos funerais.

No Museu de Arouca existe um *colectário* do século XIII que examinámos detidamente. Trata-se de um livro precioso, pois em Portugal são raríssimos. Começa com um calendário, a que faltam os meses de janeiro a abril e contém colectas e *capitula*. Tem 133 fls. de pergaminho, mas os fls. 51 e 52 não deviam ter sido compreendidos na numeração por serem posteriores (têm, aliás, diferente formato). A partir do fl. 106 contém um ritual monástico: orações pelo monge que entra de serviço na cozinha, pelo que vai de viagem ou regressa, profissão monástica, benção

²¹ P.-M. GY, *Collectaire, Rituel, Processional*, «*Révue des Sciences philosophiques et théologiques*», t. 44 (1960) p. 441-469.

das cinzas, dos ramos, vigília pascal, rito da unção dos doentes e ofício dos funerais.²²

Encontrámos as seguintes notas que nos parecem do século XV e têm interesse para a datação e proveniência do manuscrito: Fl. 149 = *Era M^a CC^a XC^a* (= 1258) *qui fuit fames in tota Gallecia et valuit modius saligignis III^r morabitus*; Fl. 120v = *In era M^a C^a XC^a II^a* (= 1155) *sunssit inicio monasterium istum ssancte Marie Montis rramy (?) quod abbas Sancius in era eadem fondavit bona memoria cuius anima* (o resto foi cortado pelo encadernador).

DOMINGAL

«Domingal - Dominical missal cantado - Domingal de canto - Domingal de lenda - Domingal de lenda e canto - Domingal com suas lições e responsos cantados e capitulos e suas orações - Domingal que tem os responsos e antifonas das ferias - Domingal de officiar missas - Domingal de lenda e responsoria de todo o ano - Domingal de todo o ano - Domingal de cinco cordas novo de forma».

Segundo Du Cange (sub v. *Dominicale*), um domingal é um livro «in quo continentur lectiones et alia quae ad officium dominicarum vel festorum dominicalium pertinent». E cita um documento de 1315 do mosteiro de Santa Cruz de Bordeus: «Cellerarius habet tenere chorum infra ecclesiam bene munitum de libris... videlicet octo psalteria... unum Dominicale, unum sanctorale ad legendum et cantandum lectiones».

Pelas designações dos nossos inventários, os vários *domingais* indicados uns eram detinados à missa, outros ao ofício coral, alguns tinham notação musical, responsórios e antifonas, outros destinavam-se apenas ao ofício recitado. A maioria deles seria manuscrita, mas o último era impresso e tinha notação musical em cinco cordas.

DONATO

«Hûas partes de Donato em purgaminho, começam «Partes orationes quarte (!) (...) VIII.º».

Trata-se de uma parte da obra de Donato, célebre gramático que ensinava em Roma cerca de 350. Escreveu uma *Ars minor* e uma *Ars maior*. A terceira parte desta última, chamada na Idade Média *Barbarismo* (do seu *incipit: Barbarismus*), era particularmente estudada nas escolas medievais.²³

EPISTOLÁRIO

«Dois epistoleiros misticos, um deles domingal e outro santal - Epistoleiro de pergaminho com algumas missas apontadas em cinco cordas - Epistoleiro».

O epistolário é o livro que contém as leituras da missa, excepto o evangelho.

²² Solange CORBIN, *op. cit.*, p. 16.

²³ G. PARÉ - A. BRUNET - P. TREMBLAY, *La Renaissance du XII^e siècle. Les écoles et l'enseignement*, Paris 1933, p. 151-152.

Vide o que atrás dissemos na palavra *capituleiro*.

Um destes epistolários tinha em apêndice o texto de algumas missas (provavelmente votivas) com notação musical em cinco cordas. Quanto aos dois primeiros, um deles servia nos officios dos domingos e o outro nas festas dos santos.

EVANGELIÁRIO

«Evangeliorum - Evangeliorum do altar - Evangeliorum com um livro de tombo no cabo».

O *Evangelário* contém as perícopas dos Evangelhos que se lêem ou cantam na missa. É próprio do diácono.

Vide o que atrás dissemos sobre *capituleiro*.

Um *Evangelário do altar* constitui designação imprópria. Ou o livro é de facto um evangelário, ou então um missal plenário. Mas também podia ser um sacramentário a que tivessem juntado os evangelhos. A partir do século X começaram de facto a juntar ao sacramentário epístolas e evangelhos.

Como dissemos, as leituras eram feitas primitivamente pela Bíblia. O evangelário propriamente dito, como livro autónomo, aparece nos séculos VIII/IX. Existem numerosos manuscritos do século XII nas bibliotecas da Europa.

Este livro foi sempre objecto de cuidados especiais. Alguns são lindamente iluminados e encadernados com pedras preciosas. Começou a perder a sua importância a partir do século XIII com o aparecimento do missal plenário.²⁴

Na Biblioteca Nacional de Lisboa existe um precioso evangelário do século XII (Códice 3681), infelizmente muito mutilado. Foi em tempos exposto com a indicação de ser um missal, o que até pela data era impossível, pois no século XII não havia propriamente missais. Contém os evangelhos dos domingos e festas dos santos, das missas de defuntos, das de Nossa Senhora e de alguns comuns dos santos. No fim, já em letra do século XIII ou XIV, foi acrescentado o evangelho da festa de Corpo de Deus (*In solemnitate Corporis Domini*) o mesmo que vem ainda hoje nos missais (João, VI/56-59). As leituras da Paixão da Semana Santa têm alguma notação musical numa só corda. Os evangelhos das missas de defuntos são precedidos da rubrica *In agenda mortuorum*.

No Tesouro de Arte Sacra de Viseu existe um magnífico evangelário do século XII/XIII que pudemos examinar cuidadosamente.²⁵

No Museu de Arte Sacra de Arouca existe um evangelário do século XIII com 170 fls. de pergaminho, que examinámos directamente. Contém o temporal e o santoral. No fim o escriba indicou o seu nome: *Obsecro vos qui hec legeritis ut Vincentius Martini peccatoris memineritis*. Foi, portanto, escrito por um certo Vicente Martins.

A Torre do Tombo possui um evangelário incompleto, do século XIV,

²⁴ *Enciclopédia Verbo*, s. v. Evangelário.

²⁵ *A Arte em Portugal* - N.º 19 - Viseu, Porto, 1959.

proveniente do Lorvão (Casa Forte n.º 24).

O códice alcobacense n. 167 da Biblioteca Nacional de Lisboa é um evangeliário monástico do século XIII.

O último evangeliário registado no catálogo de livros (vide VI) tinha sido aproveitado para escrever o tomo de bens da igreja nos últimos fólios, que estariam livres.

FERIAL

Livro que continha os officios das *ferias*, isto é, dos dias não festivos nem domingos.

FLORETE DE S. FRANCISCO

Trata-se das *Fioretti* de São Francisco de Assis. Em português chamamos-lhe Florinilhas de S. Francisco, que são quadros singelos e lendários da vida do Santo e seus primeiros discípulos. Ainda hoje se lêem com prazer.²⁶

FLOS SANTORUM

«Flos sanctorum em porgaminho - Frol sanctorum em pergaminho».

Colecção de vidas de santos, também intitulada história lombarda, em latim *Legenda aurea*. É seu autor Fr. Jacobo de Voragine († 1298).²⁷

Existe uma tradução portuguesa impressa em 1513 (*Ho Flos Sanctorum em lingoajem Portugues*, 1513, Lisboa, Março, 14, Herman de Campis e Roberto Rabelo), de que se conhece um único exemplar na Biblioteca Nacional de Lisboa (Res. 157 A.). Mas anteriormente existiam cópias manuscritas. Aquelas a que se referem os inventários eram em pergaminho e manuscritas.

O cólofon da edição de 1513 informa-nos assim sobre o conteúdo do livro: «Aqui se acaba a leenda dos sanctos tresladada em lingoagem portugues, a qual se chama ystorea lombarda, pero comũmente se chama flos sanctorum porque em ella se contem a flor das vidas dos sanctos com diligẽcia corregida e emmendada e acreçentada de duas vidas louvavees s. de sancta Anna e sam Erasmo que por grande negligencia forom esqueçidas. E nom menosprezando nem esqueçendo os nossos sanctos que nos regnos de Portugal resprandeçem per muytos milagres acreçentamentos destes aa presente XIX vidas. Ha qual obra foy feita e tresladada afym que os que a lengua latina nom entendem nom sejam privados de tam exçellentes e maravilhosas vidas e exempros. E porque cada hũu estando em sua casa despenda o tempo em leer tam exçellentes e sanctas vidas e exempros que outras ystoreas vãs ou livros de pouco fructo. E a sobredicta obra foy emprimida em a muy noble e sempre leal cidade de Lixboa. Com privilegio del Rey nosso senhor: per Herman de Campis bombardero del rey e Roberto Rabelo, a XIV dias de Março de mil quinhentos e treze».

²⁶ Mário MARTINS, *Estudos de Cultura Medieval*, Lisboa 1969, p. 205.

²⁷ *Ibidem*, pp. 255-267.

FORMA NOVICIORUM DE FREI BOAVENTURA

S. Boaventura († 1274), grande teólogo franciscano, escreveu uma *Regula novitiorum* que tem o *incipit* seguinte: *Reformamini in novitate sensus...* É um escrito de formação ascética para os noviços da sua Ordem.

Mas a obra aqui referida, *Forma novitiorum*, é um apócrifo atribuído a S. Boaventura.

Com o título de *Ymagen de vida*, foi publicada em tradução espanhola a obra de S. Boaventura *Soliloquium de quatuor mentalibus exercitiis*, em Sevilha no ano de 1497. Juntamente se editaram vários opúsculos de diversos autores, entre os quais a *Forma novitiorum*.²⁸

HIMNORUM

O *Himnário* contém os hinos do ofício, mas nestes livros encontram-se também *prosas, sequências* e mesmo *tropos*.²⁹

No Arquivo da Sé de Braga existe um himnário datado de 1712.³⁰

No Arquivo Nacional da Torre do Tombo há um Livro de Hinos do Lorvão que parece ser do século XVII (Casa Forte n. 18).

O códice alcobacense n.º 191 da Biblioteca Nacional de Lisboa é um himnário do ofício do século XIV; no início tem uma ladainha.

LECCIONÁRIO

Estritamente falando o leccionário era o livro que continha a *profecia*, ou seja a primeira lição da missa; mas o termo aplicou-se em seguida a todas as colecções de lições. O leccionário moçárabe era denominado *Liber commicus*.³¹

Sobre estes livros, de que já falámos, transcrevemos as seguintes palavras dum especialista: «Au VIe. siècle apparaissent les lectionnaires destinés à la célébration chorale de l'office divin. Ici aussi le premier livre de lectures est la Bible. Mais en plus du livre sacré, on utilisait des «légendiers» ou recueils hagiographiques (Actes des Martyrs, Vies des saints), ainsi que des florilèges patristiques, de caractère homilétique... Le troisième livre de lecture de l'office est le sermonnaire ou homélaire. Les écrivains patristiques et médiévaux ne distinguaient pas toujours le *sermo* de l'*homilia*; ces deux vocables étaient pratiquement synonymes».³²

Havia, portanto, um livro litúrgico que continha as lições extraídas das vidas dos santos, agrupadas segundo a ordem dos dias do ano. Era o que em português se

²⁸ *Obras de San Buenaventura, Edición Bilingüe*, Madrid 1968, vol. I, 3ª ed. (Biblioteca de Autores Cristianos).

²⁹ D. CABROL, *Les livres de la liturgie latine*, Paris 1930.

³⁰ Solange CORBIN, *op. cit.*, p. 171.

³¹ D. CABROL, *Les livres de la liturgie latine*, Paris 1930; *Liber commicus*, Ed. J. Pérez de Urbel e A. González y Ruiz Zorrilla, Monumenta Hispaniae Sacra, Serie litúrgica, vol. II e III, Madrid, 1950-1955.

³² Réginald GRÉGOIRE, *Les homéliaires du Moyen Âge*, Roma 1966, pp. 5-6.

dizia *Legendário* ou *Lendário*, porque era escrito para ser lido (*ad legendum*). Em muitos dos inventários vamos encontrar diversos livros de *lenda da vida dos santos*; era o *legendário* para ser lido no ofício litúrgico da sua festividade.

No Arquivo Nacional da Torre do Tombo há um leccionário do ofício divino proveniente do Lorvão; é do século XIII e está incompleto (C. 25, E. 67, P. 4, n.º 12).

LEONARDO DE UTINO QUARESMAL OMNI DIE, SERMÕES QUE SE CHAMA «DE LEGIBUS»

Leonardo de Udine escreveu *Sermones quadragesimales de legibus*, que parece ser o mesmo que *Quadragesimale aureum* editado em Venesa em 1471.³³

LIVRO DOS ANIVERSÁRIOS

Livro onde se inscreviam os legados pios feitos às igrejas, mosteiros, confrarias, bem como as missas e outros sufrágios a fazer anualmente pelos benfeitores.

LIVRO DE LENDA DOS SANTOS

Trata-se da *legenda sanctorum* que se lia no ofício nocturno; lição mais ou menos histórica do santo cujo ofício se celebrava. Era a lição hagiográfica de que já falámos (vide *Leccionário*).

Um destes livros de *Lenda dos Santos*, proveniente do Lorvão, encontra-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (C. 25, E. 67, P. 4, n.º 16). É dos fins do século XII e está muito mutilado.

LIVRO QUE TEM AS HOMILIAS E AS LENDAS DOS SANTOS

Livro litúrgico destinado ao ofício divino. Continha: - as homilias dos Padres da Igreja que se lêem num dos nocturnos do ofício; - uma *legenda sanctorum* ou lição hagiográfica dos santos destinada ao mesmo fim.

LIVRO QUE SE CHAMA DE SANTA MARGARIDA ESCRITO EM PERGAMINHO DE LETRA DE MÃO

Supomos tratar-se do ofício de Santa Margarida, não sabemos se só o ofício coral, se também a missa, o que é mais provável.

LIVRO DA VITORIA DOS CRISTÃOS

Continha o ofício da festa própria de Portugal *Victoria Christianorum*, comemorativa da batalha do Salado, posterior, portanto, a 1340.³⁴

³³ M.-L. AUGER, *La Bibliothèque des Cordeliers de Troyes*, «Institut de Recherche et d'Histoire des Textes» Bulletin, n.º 15 (1967-68) Paris 1969, pp. 228-229.

³⁴ Miguel de OLIVEIRA, *História Eclesiástica de Portugal*, Lisboa 1958, 3.ª ed., p. 107.

LIVRO DE PROSAS DE CINCO CORDAS

Este livro era um *Prosário*, contendo as *prosas* ou *seqüências* cantadas na missa após o aleluia.³⁵

LIVRO PARSEIRO

Não conseguimos averiguar de que livro se trata.

LIVRO DE LENDA DA BRIVIA EM VOLUMES

Uma Bíblia em vários volumes. A Bíblia era livro indispensável mesmo no coro, porque no início não havia leccionários; a leitura era feita directamente da Bíblia. Vide atrás: Capituleiro, Epistoleiro, Leccionário, Evangeliário.

LIVRO DA REGRA DOS FREIRES

Tratando-se de uma igreja da Ordem de Santiago, a que se refere o inventário, havia nela naturalmente a Regra da Ordem.

Manuel Joaquim Anselmo (*Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa 1926) assinala quatro edições no século XVI:

n.º 434 = *Regra statutos e diffinções da Ordem de Sanctiagu*, Setubal, 1509;

n.º 623 = *Regra e statutos da Ordem de Samtiago*, Lisboa, 1540;

n.º 627 = *Regra e statutos da Ordem de Santiago*, Lisboa, 1542;

n.º 635 = *Regra e statutos da Ordem de Santiago*, Lisboa, 1548.

LIVRO DOS MILAGRES DE SANTA MARIA

A igreja de Santa Maria de Beja possuía em 1362 um livro com os milagres de Nossa Senhora. Perdeu-se certamente. Levou-o a voragem do tempo que tudo gasta! Mas que precioso códice seria esse se o pudéssemos ainda hoje folhear!

E que livro seria este?

Talvez uma tradução do livro do monge cluniacense Gualter de Compiègne, *De miraculis Beatae Virginis Mariae*, dos meados do século XII.

Mas há outras hipóteses.

Frei Gil de Zamora compôs no século XIII um *Liber Mariae* com milagres de Nossa Senhora.

Seriam as *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X, o Sábio († 1284)?³⁶

Mas havia na Idade Média muito por onde escolher nesta matéria. Frei João da Póvoa fez *ajuntar num quaderno os milagres de N. Senhora das Virtudes*,³⁷ os

³⁵ D. CABROL, *Les livres de la liturgie latine*, Paris 1930.

³⁶ Mário MARTINS, *Estudos de Cultura Medieval*, pp. 245-249.

³⁷ Este antigo e importante santuário mariano está em ruínas e quase ninguém se lembra dele. Fica situado na freguesia de Aveiras de Baixo, próximo do Cartaxo. As ruínas vêem-se do comboio quando se viaja pela linha do norte.

*quaes andavão espalhados em papéis particulares e soltos.*³⁸

Em Guimarães foi escrito entre 1342 e 1343, por Afonso Peres, um *Livro dos Milagres de Nossa Senhora da Oliveira*.

LIVRO DOS PADRES SANCTOS COMEÇASSE «FOE DICTO DÛU VELHO QUE MORAVA»

Padres Santos eram os chamados Padres do Deserto (monges e anacoretas) cujas vidas e sentenças entraram nas colecções reunidas por Migne na Patrologia (Tomos 73 e 74) sob o título geral de *Vitae Patrum*: vidas de S. Paulo, Santo Antão, Santo Hilarião, S. Malco, S. Pacómio, etc., a História dos Monges, de Rufino, colecções intituladas *Verba Seniorum*, uma das quais traduzida em latim por iniciativa de S. Martinho de Dume.³⁹

Esta era uma tradução portuguesa, mas pelo *incipit* não é fácil identificar a obra.

LIVRO DOS VITATORIOS PONTADOS

Este livro continha os *Invitatórios* do ofício coral de matinas, acompanhados pela respectiva notação musical.

O invitatório é uma antífona com que se inicia o ofício nocturno de Matinas.

LIVRO DE HORAS DE NOSSA SENHORA

Os livros de «Horas» são pròpriamente devocionários para uso dos fiéis e não livros litúrgicos.

Supomos, no entanto, que este livro devia conter o ofício litúrgico de Nossa Senhora.

Existem nas nossas bibliotecas e arquivos variadíssimos livros de Horas de Nossa Senhora. Assinalamos apenas um exemplar que deve ser do século XV existente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, que contém magníficas iluminuras (Casa Forte n.º 12).

LIVRO DE ALTAR QUE TEM AS ORAÇÕES E OS EVANGELHOS

Pelas indicações dadas, parece tratar-se de um *oraçoeiro* a que se juntou um evangeliário.

Mas não é um livro de altar pròpriamente dito.

LIVRO DOS MILAGRES DO CORPO SANTO COM ALGUMAS MISSAS ESCRITAS EM PERGAMINHO DE LETRA DE MÃO

Que códice precioso! Como nos custa pensar que também se terá perdido!

³⁸ Mário MARTINS, *Peregrinações e Livros de milagres na nossa Idade Média*, Lisboa 1957, 2. ed., p. 171.

³⁹ Indicações fornecidas pelo ilustre medievista Dr. Mário Martins, a quem apresentamos os nossos agradecimentos.

Corpo Santo era o nome por que era conhecido S. Pedro Gonçalves ou S. Telmo, muito da devoção dos navegantes.

O livro encontrava-se no Hospital do Corpo Santo de Setubal em 1510.

As confrarias dos mareantes tinham um patrono designado em geral CORPO SANCTO e por isso este hospital era pertença de uma confraria de mareantes, e tinha naturalmente um livro de milagres do seu patrono.⁴⁰

No fim do códice, manuscrito de pergaminho, tinha sido escrito o texto de algumas missas.

Na Casa dos Pescadores de Faro existe um códice do século XV intitulado *Vida, Milagre e Prodígios, S. Pedro Gonçalves*, que foi publicado pelo nosso ilustre confrade e amigo Senhor Dr. Joaquim Alberto Iria (*O Algarve e os Descobrimentos*, Lisboa, 1956, t. II, p. 480-491).

LIVRO DE CERIMONIA DA MISSA COM A BÊNÇÃO DA ÁGUA E COM MISSAS DE SÃO JOÃO, DE NOSSA SENHORA E DOS FINADOS

Este livrinho continha o seguinte:

- as rubricas da missa; era o que se chama um *ordinario*;
- a *sacra*, isto é, o cânon da missa, também chamado oração eucarística;
- o rito da benção da água;
- os textos das missas de São João Baptista, Nossa Senhora e dos defuntos.

A *sacra* era o cânon da missa, como se infere claramente de uma constituição sinodal, atribuída ao ano de 1459, promulgada por D. João Ferraz, bispo eleito de Ceuta, para o território da diocese de Tui situado em Portugal.

O texto desse documento aqui se reproduz, dada a sua importância:

CONSTITUIÇÃO 4 = Que cada hũu lea a sacra per o livro.

Item porque achamos per çerta enformaçom que algũus rrectores e saçerdotes ssam ynorantes en os officios devinos çellebrar, speçialmente em leer a ssacra polla guisa que devem e ssam teudos de fazer, porem estabelleçemos e mandamos em virtude dobediença e ssob pena descomunhom a todos os sacerdotes speçialmente àquelles que ham cura dalmas que de todo em todo aprendam os sacramentos speçialmente que bem e verdadeiramente leam a ssacra e a ponto e ordem nom correndo nem secupando (?) nem fazenndo antrevallo nem leixando algũa cousa do que deve de dizer em ella ou em adendo algũa pallavra mais que aquilo que sse deve de dizer segundo a ordenaçom della pollo livro; e esto meesmo mandamos que façam no ofiçio de bautizar e de comungar e no dar beençõees dos que casam em façe da egreja e no ofiçio de hunjer e emtre os quaes devem a fazer bem e perfeitamente; e mandamos ainda que cando algũu ouver de rreçeber ordões de missa que ante que seja promovido aas dictas ordões que sseja examinado segundo os direitos mandam em tall caso speçialmente em ler a dicta sacra e os dictos ofiços e en os ordenar segundo deve fazer, e se nom for

⁴⁰ Fernando da SILVA CORREIA, *Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas*, Lisboa 1944, p. 402.

achado soçifiente pera o dito ofiço nom seja rreçebido aa dicta ordem e sejom sabe-dores os dictos saçerdotes e sse per ventura forem examinados e per esto nom forem achados ydonios que nós os ssuspendemos das dictas ordêes e benefiços sse os tiverem sem esperança de outra rrestituiçom.»

LIVRO DAS PAIXÕES

Parece-nos que seria um *Passionário*, com as narrações evangélicas da Paixão de Cristo que se lêem ou cantam na Semana Santa. Como tal devia conter notação musical.

Francisco Marques de Sousa Viterbo, no seu livro *Fr. Bartolomeu Ferreira o primeiro censor dos Lusíadas* (p. 203-208), refere um passionário impresso no século XVI, a que o censor dá este nome *Liber passionum et eorum quae a dominica in palmis usque ad Vesperas Sabbathi sancti inclusive, cantari solent; inprimis singulorum verborum accentu locuplentissime actus; Auctore fratre Stephano ex sacra Iesu Christi servatoris nostri Militia* (Olissipone. Excudebat Simon Lopezius cum facultate Inquisitorum. Anno 1595).⁴¹

Existem ainda muitas edições de passionários nas igrejas.

Na igreja de S. José de Lisboa encontrámos a seguinte edição do século XVIII: *Passiones necnon Lectiones quae secundum Ritum Sanctae Romanae Ecclesiae in Officiis Maioris Ebdomadae cantari solent* (Lisbonae, M. DCC. LII. Apud Josephum da Costa, Coimbra).

Na liturgia hispânica havia um livro denominado *Passionarium* que continha as *paixões dos mártires* (isto é, um relato da sua vida e martírio) e se lia, parte no ofício de matinas e parte na missa. Não cremos que os livros indicados nos inventários fossem o *Passionarium* hispânico. Não se regista a existência destes livros nas nossas Bibliotecas e Arquivos.

LIVRO DE ENCOMENDAR

Continha o rito dos funerais. Chamava-se nesses tempos em latim *Obsequiale sive agenda mortuorum*.

LIVRO MISTICO DOS SACRAMENTOS DE BAUTIZAR, UNGIR E OUTROS OFICIOS

Esta designação confirma o significado da palavra *mistico* (= misto); um livro em que se continham várias coisas.

Este livro continha:

- o ritual do baptismo;
- o ritual da unção dos doentes;
- outros ofícios não especificados.

⁴¹ António Joaquim ANSELMO, *Bibliografia das Obras Impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa 1926, n.º 810.

LIVROS DE BAUTIZAR - LIVROS DE BAUTIZAR E DE ENCOMENDAR
- LIVROS DE BAUTIZAR E DE SOTERRAR

Vários rituais do baptismo e dos funerais.

MESTRE DAS SENTENÇAS EM PEQUENO VOLUME

Era o célebre livro de Pedro Lombardo *Sententiarum Libri IV*, que serviu de texto nas escolas teológicas durante séculos.

O autor era mestre em teologia e o livro tinha o título de *Livro das Sentenças*, daí o nome com que entrou na História: Mestre das Sentenças.

MISSAL - MISSAL MISTICO - MISSAL MISTICO COMPLETO - MISSAL
DE FORMA ROMÃO - MISSAL DE FORMA DO COSTUME DE EVORA

O missal resulta de uma longa evolução e não é senão uma colecção de livros originariamente separados (sacramentário, colectário, leccionário, etc.).⁴²

O missal substitui o sacramentário a partir do século XII, mas desde o século XI aparecem livros intermediários entre o sacramentário e o missal.

Na verdade, o sacramentário não continha senão as partes recitadas no altar pelo celebrante. Cerca do século X, juntaram-se-lhe os evangelhos e as epístolas, depois as partes cantadas da missa, o que veio a dar o missal plenário.

Nestes inventários encontramos missais plenários, um destes do rito romano e outro do costume peculiar de Évora.

No início do século XVI encontram-se na região de Alcochete missais do costume de Braga, «novos e muito bons». Como se explica a presença da liturgia de Braga ao sul do Tejo? Provavelmente a falta de missais romanos impressos. Os missais de Braga «novos e muito bons» eram da edição de 1512, de Salamanca. Anteriormente houve uma edição de 1498.

Voltemos a dizer uma palavra sobre o termo *místico*.

Na liturgia hispânica existia um livro litúrgico chamado o *Liber Misticus*, que era na realidade um livro misto, a que D. M. Férotin deu o título descritivo de *officia et missae* porque continha textos da missa e do ofício coral. Mais uma vez transcrevemos as palavras de um especialista nestes assuntos: «La multiplicidad y variedad de libros litúrgicos hizo aconsejable la refundición de todos ellos en uno o en unos pocos de libros plenarios. De esta necesidad nació el llamado *misticus* -derivado del vulgar *mistus*, por *mixtus*, asimilándose la misma terminación del *commicus*-, que iba a contener casi todos los libros necesarios para la celebración del oficio catedral festivo y de la misa». (J. M. PINELL - *Los textos de la antigua Liturgia Hispánica*, in «Estudios sobre la Liturgia Mozárabe», Toledo, 1965, p. 133).

Como se vê o *Liber Misticus* era na verdade um livro *misto* e por isso mesmo também tardio na igreja hispânica.

Mencionamos aqui o preciosíssimo Missal do Lorvão, do século XV, existente

⁴² D. CABROL, *Les livres de la liturgie latine*, Paris 1930.

na Torre do Tombo (Casa Forte n.º 20). No mesmo Arquivo há um missal do costume franciscano, do século XV também (E. 3, P. 7, n.º 118).

No Museu de Arte Sacra de Arouca encontrámos um missal cisterciense impresso em Veneza em 1503.

OFICIAL - OFICIAL CANTADO - OFICIAL MÍSTICO - OFICIAL APONTADO - OFICIAL DE LENDA E CANTO - OFICIAL MÍSTICO DE CANTO E LENDA - OFICIAL APONTADO DE CINCO CORDAS - OFICIAL APONTADO DE UMA CORDA - OFICIAL DE UMA CORDA E PONTO MUITO MIUDO - OFICIAL COM AS MISSAS DO ADVENTO QUARESMA FESTAS DO SENHOR NOSSA SENHORA E DOS APÓSTOLOS - OFICIAL DE UMA CORDA DE CERTAS MISSAS - LIVRO OFICIAL DE ALGUMAS MISSAS VOTIVAS DE PERGAMINHO APONTADO DE CINCO CORDAS DE LETRA DE PENA - OFICIAL DAS FESTAS DOS SANTOS

Não é fácil descobrir o que se contém sob a palavra *oficial*.

O *libellus officialis* era um pequeno ritual da missa e dos sacramentos.⁴³

O IV Concílio de Toledo, de 633, manda que o bispo entregue aos presbíteros que põe à frente das paróquias um *libellus officialis*, para que saibam exercer convenientemente o seu ministério, sobretudo a administração dos sacramentos Diz assim o cânon 26 do Concílio:

Quando presbyteres in parrochiis ordinantur, libellum officiale a sacerdote suo accipiant, ut ad ecclesias sibi deputatas instructi succedant, ne per ignorantiam etiam in ipsis divinis sacramentis offendant, ita ut quando ad letanias vel ad concilium venerint, rationem episcopo suo reddant qualiter susceptum officium celebrant vel bapuzant.

Aqui tratava-se de um ritual. Mas devia certamente incluir a missa. Apenas os ritos ou também os textos? Será difícil responder. Mas cremos que os ritos, ou regras de celebração, e também os textos.

Amalário de Metz, célebre liturgista, discípulo de Alcuino e professor na escola palatina de Aix-la-Chapelle, escreveu cerca de 827 um *Liber officialis* ou *De ecclesiasticis officiis* (Patrologia Latina, t. 105, col. 985-1242), curioso pela interpretação alegórica da liturgia. Era um comentário aos ofícios eclesiásticos e exerceu grande influência em toda a Idade Média.⁴⁴

Du Cange (sub v. *Officiale, Officialis liber*) indica genericamente que se trata dum livro com os ofícios eclesiásticos ou um manual dos sacramentos.

Analisando os dizeres dos nossos inventários, parece poder concluir-se que estes livros continham o ofício divino, com as partes cantáveis em bastantes casos, e

⁴³ C. VOGEL, *op. cit.*, p. 30 (o autor louva-se no canon 26 do IV Concílio de Toledo).

⁴⁴ J. M. HANSSENS, *Amalarii episcopi opera liturgica omnia*, Vaticano, 1948-1950, 3 vol. (Studi e Testi, n.º 138-140).

também textos de muitas missas. Alguns seriam verdadeiros missais.

OFÍCIO DE SANTA MARIA DA CONCEIÇÃO

Ofício da festa de Nossa Senhora da Conceição.

ORAÇOEIRO - ORAÇOEIRO DAS ORAÇÕES DOS DOMINGOS E FESTAS

Oraçoeiro é o nome dado em Portugal ao *colectário*.

Já atrás falámos longamente destes livros.

O segundo livro referenciado continha apenas as orações dos domingos e dias festivos.

O oraçoeiro, na Galiza oracionario, da época visigótica foi editado há anos na Espanha.⁴⁵

ORATÓRIO

«Livro que se chama «Oratorio» escrito em purgaminho de letra de mão».

Foram vãos os esforços para identificar este livro.

ORDINÁRIO - ORDINÁRIO QUE TEM AS HORAS DE NOSSA SENHORA

O ordinário é o livro que contém as rubricas dos ofícios eclesiásticos, pois os sacramentários antigos não as tinham.⁴⁶

Transcrevemos mais uma vez as palavras de um especialista na matéria:

«Au sens liturgique propre, l'on désigne par *ordo* une description des rites sacrés, un directoire Guide à l'usage du célébrant et de ses ministres, où sont exposés dans le détail l'ordonnance des différentes cérémonies cultuelles et la manière de les accomplir. Les *ordines* sont donc des parties du cérémonial et constituent le complément du sacramentaire. Au sens propre, *ordo* équivaut à l'ensemble des rubriques, c. à d. des notices explicatives accompagnant un formulaire sacré, actuellement intercalées dans les livres liturgiques (en caractères rouges, pour les distinguer du formulaire eucologique)».⁴⁷

A partir do século XIII, o termo *ordo* desaparece, sendo substituído pelas palavras *ordinarium* (de onde provem o termo português *ordinário*), *caeremoniale*, *liber de caeremoniis*, *liber caeremoniarum*.

O segundo dos ordinários referido no inventário tinha ainda anexo as Horas de Nossa Senhora, isto é, o ofício litúrgico de Nossa Senhora. Assim nos parece mais provável, embora se possa pensar num devocionário.

Encontra-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo um Ordinário do

⁴⁵ *Oracional visigótico*, Ed. J. Vives, Monumenta Hispaniae Sacra, Serie litúrgica, vol. I, Barcelona, 1946.

⁴⁶ D. CABROL, *Les Livres de la liturgie latine*, Paris 1930.

⁴⁷ C. VOGEL, *op. cit.*, p. 101 e nota 1.

Lorvão, datado de 1540 (Casa Forte n.º 23).

ORDINÁRIO COMPOSTELANO

Livro dos ritos sagrados segundo o costume de Compostela. Vide o que dissemos sobre *Ordinário*.

A diocese de Lisboa pertenceu à metrópole de Compostela até 1393. Daí a permanência na diocese de Lisboa de costumes litúrgicos compostelanos. No Calendário do Cardeal Infante D. Afonso, impresso em 1536, ainda se remete, entre outros, para o breviário de Compostela.

PARTIDA

«Uma Partida, a primeira».

As *Partidas* são obra legislativa de Afonso X, o Sábio (1252-1284). O nome de *Partidas* é corrente desde o século XIV, mas o nome primitivo era *Livro das Leis*. A designação provém da divisão do livro em sete partes (partidas, em castelhano) e é influenciada pela virtude atribuída ao número sete (número bíblico).⁴⁸

Na igreja de Santiago de Torres Novas, cerca de 1538, existia a primeira *Partida*. É uma notícia curiosa que dá uma achega para o estudo da divulgação dos livros jurídicos na época.

RITUAL

Este livro contém o rito dos sacramentos e certas bênçãos.

Existem rituais monásticos a partir do século XII, e rituais paroquiais a partir do século XIII/XIV.

Antes do século XII, o ritual encontrava-se mais frequentemente junto com o colectário. A conexão entre colectário e ritual é frequente.

Por vezes a estes livros dá-se o nome de *Baptisterium* mas não há um nome estável para os designar, pelo menos até ao século XII.

No início do século XIII, os estatutos sinodais de Eudes de Sully, bispo de Paris, determinam que os párocos possuam um livro denominado *Manuale*, que continha o rito do baptismo, da unção dos doentes e outros.⁴⁹ Esta legislação de Paris passou a outras dioceses francesas, vindo mesmo a ser adoptada em Lisboa nas primeiras décadas do século XIII. Mas teria existido em Lisboa o livro chamado *Manuale*? É muito provável.

O ritual, portanto, durante a Idade Média e posteriormente, teve vários nomes: *Manuale*, *Pastorale*, *Liber rituum*, *Liber agendorum*, *Baptisterium*.

Referimos atrás a existência de um ritual do costume de Évora impresso em Sevilha em 1528 com o título de *Baptisterium seu Manuale* e também citámos o IV

⁴⁸ Alfonso GARCÍA-GALLO, *Manual de Historia del Derecho Español*, Madrid 1964, t. I, p. 392.

⁴⁹ P.-M. GY, *Collectaire, Rituel, Processional*, «Revue des Sciences philosophiques et théologiques», t. 44 (1960) pp. 441-469.

Concílio de Toledo (633) que manda entregar aos párocos um *Libellus officialis*, que continha de facto um ritual.

Um chamado Cerimonial do Lorvão, datado de 1547, existente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (E. 3, P. 6, n.º 101) é na realidade um ritual monástico que contém os ritos da recepção das noviças, profissão das monjas e unção das enfermas. É importante a rubrica existente no ofício da agonia: *a cantora traga o colectaneo ao abade*. Isto vem mais uma vez confirmar que no *Colectário* se continham partes do ritual. Aqui seria o ofício da agonia e unção dos doentes.

SACRAMENTORUM - SACRAMENTAL

Supomos que o livro designado por *sacramentorum* nestes inventários não era pròpriamente um *sacramentário*, mas antes um ritual dos sacramentos, atendendo a época dos documentos.

Contudo não pode pôr-se de lado a hipótese de ser algum velho *sacramentário*, e neste caso tratar-se-ia de livro preciosíssimo.

O *sacramentário* pròpriamente dito é o livro litúrgico do celebrante, e só dele, mas para todas as funções do culto. Não contém as partes próprias dos outros ministros (leituras, cânticos, etc.), nem traz rubricas.⁵⁰ Era também chamado, por vezes, *Liber sacramentorum* ou *Liber mysteriorum*.⁵¹

A época dos sacramentários termina no início do século XII; o *Liber sacramentorum* começa a ceder terreno ao missal plenário, que é um livro resultante da fusão num só volume de quatro outros livros: sacramentário, epistolário, evangeliário e antifonário da missa. No século XIII os sacramentários são excepcionais e no século XIV constituem raridades arcaicas. O missal plenário é consequência de uma nova maneira de conceber a missa. A substituição deve-se à obrigação imposta ao celebrante desde o fim do século XI, de recitar em silêncio as leituras e os cânticos, mesmo quando executados pelos ministros ou cantores.⁵²

As informações dadas por Du Cange (sub v. *Sacramentarium*) são deficientes e não indicam com justeza o conteúdo do sacramentário.

No rol de livros de S. Vicente de Fora aparecem vários *Sacramentarii*. Estes seriam sacramentários pròpriamente ditos, atendendo à data do documento.

Quanto ao *Sacramental*, trata-se de obra semelhante (ou a mesma?) já descrita quando tratamos de *Baldeiras*. Era uma espécie de tratado de teologia moral ou explicação dos sacramentos, com algumas noções sobre outros pontos da fé cristã. O *Sacramental* que aparece em castelhano e em tradução portuguesa, já atrás descrito, era da autoria de Clemente Sánchez de Vercial.

⁵⁰ C. VOGEL, *op. cit.*, p. 47.

⁵¹ D. CABROL, *Les livres de la liturgie latine*, Paris 1930.

⁵² C. VOGEL, *op. cit.*, pp. 87-88.

SALTEIRO - SALTEIRO COM SUAS ANTÍFONAS APONTADAS E COM SEUS HINOS

O saltério contém os salmos distribuídos pelos diferentes dias e partes do ofício coral. Nos tempos mais antigos os monges e clérigos recitavam os salmos de cor.

Um destes saltérios continha ainda as antífonas e os hinos das horas canónicas.

No Arquivo Nacional da Torre do Tombo existe um Saltério do Lorvão, do século XIII (Casa Forte n.º 3), com alguns hinos e antífonas; outro exemplar do século XVI, ao que parece, será antes um breviário (Casa Forte n.º 4).

SANTAL - SANTAL DE LENDA E CANTO - SANTAL DE OFICIAR MISSAS - SANTAL DE LENDA E RESPONSÓRIO - SANTAL DE RESPONSOS E LENDA - SANTAL DE RESPONSABILIA - SANTAL QUE TEM OS RESPONSOS E ANTÍFONAS DOS SANTOS - UM SANTAL, UM CARITANHO E UM LIVRO DE BAUTIZAR

O Santoral contém os ofícios próprios dos santos. Du Cange (sub v. *Sanctoralia*) diz que este livro contém as vidas dos santos e dá como exemplo um documento de 1305 onde se fala num *Sanctorale ad legendum et cantandum lectiones*. Mas é evidente que o Santoral não contém apenas a *legenda* dos santos. Pelos nossos inventários verifica-se o conteúdo variado desses livros. Teriam umas vezes ofícios completos, outras tinham lições e responsos e ainda antífonas, etc. E o *santal de officiar missas* não era senão um missal com as festas dos santos, dada a época do documento.

Um destes *santais* estava acompanhado por um manual portátil não identificado (*caritanho*) e por um ritual do baptismo.

SERMONÁRIOS

Nos inventários estudados aparecem muitas colecções de sermões, facto normal pois os clérigos necessitavam de modelos para a sua pregação.

Dois deles estão identificados e a sua presença em Portugal não é frequente:
- *Sermonario em papel que começa «Adam ubi es»*.

Trata-se de um sermão de Estêvão de Langton, que foi arcebispo de Cantuária († 1228). Este sermão costuma vir copiado nos códices em seguida a *Ars praedicandi* de Alano de Lille, que se refere a seguir.⁵³

- *Tractado magistri Alani «De arte predicandi», começasse «Vidit Iacob escallam»*.

É a célebre *Ars praedicandi* de Alano de Lille († 1203).

Era uma arte de pregar, mas nos manuscritos existentes vem seguida por uma

⁵³ M.-T. d'ALVERNY, *Alain de Lille - Textes Inédits*, Paris 1965, p. 238; F. STEGMULLER, *Repertorium Biblicum Medii Aevi*, Madrid 1955, t. V, p. 232.

coleção de sermões (cerca de 27).⁵⁴

Na Idade Média este livro era tido como um repositório de modelos de sermões e não tanto como uma verdadeira arte de pregar. Parece que existem cerca de 89 manuscritos deste tratado. Em Portugal, esta referencia é a única que conhecemos.⁵⁵

VIATICO

«Livro de pergaminho pequeno que se chama o Viatico, de letra de mão».

Du Cange (sub v. *Viatici*) diz que se trata dum ritual para a administração do viático. Não parece exacta esta informação.

O Viático era um livro de medicina árabe, traduzido por Constantino, o Africano, monge de Monte Cassino. Parece que se encontra assim intitulado, por vezes, *Breviarium Constantini dictum Viaticum* (Cfr. Teófilo Braga - *História da Universidade de Coimbra*, t. I, Lisboa, 1892, p. 211-212).

VIRIDAIRO - VERGEL DE CONSOLAÇÃO

Esta obra classifica-se entre a literatura ascética medieval.

No manuscrito do Escorial h.III.3 aparece anónima com o título de *Viridario*, e no manuscrito da Biblioteca Nacional de Madrid 4202 e 8447 traz o título de *Vergel de consolación*.

Foi editada anónima em Sevilha em 1497 e 1499.

Trata-se na verdade da tradução da obra de Jacopo da Benevento intitulada *Viridarium consolationis de vitiis et virtutibus*. O autor vivia cerca de 1350.

O Dr. Mário Martins estudou esta obra, de que há uma tradução portuguesa do códice alcobacense 211, fl. 8-73, da Biblioteca Nacional de Lisboa. Para ele, o códice alcobacense 211, o códice escorialense h.III.3 e o incunábulo de Sevilha (1497 e 1499) são uma e a mesma obra substancial.⁵⁶

CONTINUA NO SIGNO 4

⁵⁴ M.-T. d'ALVERNY, *op. cit.*, p. 109.

⁵⁵ G. RAYNAUD DE LAGE, *Alain de Lille Poète du XII^e siècle*, Paris 1951, p. 27.

⁵⁶ Mário MARTINS, *O Vergel de Consolação*, «Brotéria», t. 49 (1949) pp. 420-433; Repertorio de Historia de las Ciencias Eclesiásticas en España, 1, Salamanca 1967, pp. 249-250.

NOTA ADICIONAL: O livro de milagres de Nossa Senhora das Virtudes, referido na nota 37, foi recentemente encontrado na Biblioteca Nacional, Lisboa, e publicado integralmente (Dr. Francisco CORREIA, *Livro dos Milagres de Nossa Senhora das Virtudes*, "Revista da Biblioteca Nacional" S. 2, Vol. 3 (1988) pp. 7-42.

RÉSUMÉ

L'auteur a étudié des listes de livres liturgiques trouvées dans des visites paroissiales, inventaires de biens d'églises et inventaires divers. Par moyen d'eux il a élaboré un catalogue des différentes typologies de livres mentionnés dans les sources et il a étudié le contenu de chaque livre. C'est parfois une question difficile parce que le contenu des livres n'est pas toujours bien décrit. Cependant, la liste présentée est une bonne aide pour l'identification de plusieurs livres liturgiques du Moyen Âge.

SUMMARY

This paper studies some lists of liturgical books attached to Portuguese reports on parochial visits, inventories of church libraries, inventories of belongings and others. The paper catalogues the books by type and content, although this is a difficult task since many times there is not specification about type or content. However, the catalogue is helpful to identify several medieval liturgical books.